

**UMA LEITURA COMENTADA DE DOIS ARTIGOS
DE J. FERREIRA MARQUES
SOBRE A PSICOLOGIA EM PORTUGAL
E UMA REFLEXÃO SOBRE CENÁRIOS FUTUROS**

Amâncio da Costa Pinto *

Há duas razões para se poder vir a considerar o ano de 2002 um ano marcante no ensino público da psicologia em Portugal. Neste ano comemoram-se os 25 anos da criação na universidade pública dos Cursos Superiores de Psicologia em Portugal em Coimbra, Lisboa e Porto, criados pelo Decreto nº 12/77 de 20 de Janeiro; foi ainda em 2002 que se assistiu num caso ao falecimento súbito do Professor Joaquim Ferreira Gomes (1928-2002) de Coimbra e no outro caso à cessação de funções docentes do Professor José Ferreira Marques de Lisboa. Estes dois ilustres Professores foram os principais obreiros e responsáveis iniciais pela criação dos Cursos Superiores de Psicologia nas respectivas universidades e pela continuidade institucional no ensino da psicologia. O papel que tiveram nesta criação há 25 anos pode parecer pouco relevante por parte das gerações mais novas, mas se não fosse o esforço e o engenho do Prof. Ferreira Marques na organização de um conjunto de vontades, a continuidade institucional do ensino da psicologia na UL poderia ter sido diferente ou até não se ter

* Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, R. Campo Alegre, 1055, 4169-004 Porto, Portugal. E-mail: amancio@psi.up.pt. Estudo realizado no âmbito do projecto FCT nº 113/94.

verificado, já que esta continuidade foi na época mais difícil de se conseguir em Lisboa do que nas restantes universidades clássicas.

Como acontece muitas vezes com figuras universitárias, primeiro conhecemos a obra académica e mais tarde os autores da mesma. E assim aconteceu comigo neste caso. Enquanto aluno de psicologia da Professora Isolina Borges na licenciatura em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto tive um primeiro contacto nos anos de 1975-1976 com os estudos do professor Ferreira Marques sobre a adaptação portuguesa da WISC; ainda nestes dois anos o nome do professor Ferreira Marques era frequentemente mencionado nos contactos entre os grupos das três universidades que eram recebidos no Ministério da Educação para estudar a criação dos Cursos de Psicologia, mas nunca tive oportunidade de o conhecer na altura. A primeira vez que nos encontramos foi em 5 de Fevereiro de 1986 numa conferência que pronunciei na Sociedade Portuguesa de Psicologia, realizada a seu convite (Pinto, 1986). Posteriormente encontramos algumas vezes mais, quase sempre em encontros formais de carácter académico. É assim a dimensão académica aquela que melhor conheço e sobre a qual me irei concentrar a seguir.

A principal obra científica do Prof Ferreira Marques situa-se nos domínios da orientação e desenvolvimento vocacional, a psicologia diferencial e a avaliação psicológica — temas em relação aos quais outros colegas mais competentes do que eu irão analisar esta importante contribuição — havendo ainda, embora de forma menos co-nhecida, um contributo no domínio da história e da epistemologia da psicologia. Numa época em que as ambiguidades sobre o que constitui ou não a psicologia, a sua centralidade e o modo de organizar a sua formação são temas de discussão e debate tão activos como nas gerações passadas, pareceu-me interessante conhecer mais de perto o que sobre este tema escreveu um dos académicos que pela sua formação e experiência continuada no ensino, na prática, na avaliação académica e na organização da psicologia mais influência poderá ter tido em Portugal nestes últimos 25 anos. Obviamente o próprio poderá rejeitar este papel e até poderá haver outros que minimizem esta influência, considerando o enquadramento legislativo em que se desenvolve actualmente a gestão académica nas instituições públicas em Portugal, cujas decisões são obtidas em órgãos colegiais por maioria e em que o papel e influência de certas figuras hierárquicas pode ser diluído até valores insignificantes.

Apesar de tudo e até por não pertencer ao Curso de Psicologia da FPCE da Universidade de Lisboa e desconhecer a sua dinâmica de gestão, sou dos que acredito na influência que o professor Ferreira Marques teve na psicologia em Portugal.

O primeiro artigo foi intitulado "Lugar da psicologia na ciência e na universidade" e constituiu a Oração de Sapiência na abertura do ano académico de 1990-91 na Universidade de Lisboa (Ferreira Marques, 1994); o segundo artigo foi elaborado a partir de uma comunicação apresentada recentemente ao I Congresso Hispano-Português realizado em 2000 em Santiago de Compostela e intitulou-se "Perspectivas internacionais em la historia de la psicologia en Portugal" (Ferreira Marques, 2000).

"LUGAR DA PSICOLOGIA NA CIÊNCIA E NA UNIVERSIDADE"

Neste artigo Ferreira Marques (1994) pretende "apresentar em síntese uma perspectiva sobre o modo como a psicologia se constituiu num domínio científico e algumas reflexões de natureza epistemológica e pessoais sobre a sua situação na Ciência e na Universidade".¹ O Autor começa por referir alguns apontamentos históricos do estudo da psicologia, citando Aristóteles que teria sido o primeiro a apontar "o reconhecimento implícito de que a psicologia tem muitas ligações com várias áreas de conhecimento", e a possibilidade de Aristóteles ter abordado "o ensino da psicologia como disciplina independente (no caso do tratado sobre a Alma) ao lado de presença em conjunto com outras áreas de conhecimento".²

Ferreira Marques refere depois no século XVII Descartes que privilegiou "na sua obra o tema das relações da alma com o corpo sem separar a Psicologia da Filosofia" e Wolff, discípulo de Leibniz "que, em meados do século XVIII, vulgarizou o termo Psicologia e distinguiu a psicologia empírica (cujos princípios devem ser estabelecidos através da experiência) da psicologia racional";³ menciona depois os nomes de Fechner e Wundt, enquanto nomes mais citados na segunda

1 Ferreira Marques (1994), o. cit., p. 144.

2 Ibidem, p. 144-5.

3 Ibidem, p. 145.

metade do século XX ao título de "o fundador" da psicologia experimental (título que tem aqui um valor relativo, como noutras áreas científicas)".⁴ Para esta atribuição muito terá contribuído "em ambos os casos ... o recurso à ciência que constituiu a formação de base de cada um dos autores".

O contributo de Wundt para a história da psicologia é analisado com mais pormenor tendo escrito nomeadamente que na Universidade de Leipzig "criou em 1879 o primeiro Laboratório universitário para a investigação experimental em Psicologia"⁵ e anota que "com Wundt a Psicologia deixa de pretender estudar a alma e tem como objecto a experiência imediata do sujeito, isto é a consciência, enquanto outras ciências investigam a experiência mediata, fazendo abstracção do factor subjectivo. Por isso, segundo Wundt, a Psicologia será até complementar para outras disciplinas",⁶ sublinha ainda que o horizonte do experimentalismo de Wundt em psicologia "está, no entanto, limitado à análise dos elementos da consciência (sensações, imagens, sentimentos) e de como se combinam ou associam, porque ... o estudo dos processos superiores se deve basear na observação da história dos povos".⁷ A propósito de Wundt, Ferreira Marques assinala a importância que teve na filosofia alemã a discussão "sobre o lugar da psicologia no âmbito da distinção entre ciências do espírito e ciências da natureza" e as fortes reacções negativas sobre a "aceitação da nova Psicologia nos meios filosóficos" da época por parte de alguns filósofos influentes, como Husserl.

Ferreira Marques (1994) caracteriza duas grandes perspectivas no século XX no estudo da psicologia. A primeira perspectiva seria a emergência das grandes escolas de psicologia científica entre 1900 e 1940, como o funcionalismo, o gestaltismo, o behaviorismo, a reflexologia e a psicanálise, que teriam surgido "muito mais em oposição a Wundt do que procurando continuá-lo"; a segunda perspectiva acentuou desde a década de 1940 "a diferenciação de áreas especializadas dentro da psicologia (geral, diferencial, fisiológica, normal, patológica, humana, animal, comparada, social, cognitiva, aprendizagem, de-

4 Ibidem, p. 145.

5 Ibidem, p. 146.

6 Ibidem, p. 146.

7 Ibidem, p. 146.

envolvimento, motivação, personalidade, psicométrica, etc.), bem como dos seus campos de aplicação (saúde, educação, orientação, trabalho, organizações, justiça, forças armadas, ambiente, etc.)."⁸

Sobre o lugar da psicologia na ciência, Ferreira Marques refere a opção da União Internacional das Organizações de Psicologia Científica pela adesão conjunta ao Conselho Internacional das Ciências Sociais e à União Internacional das Ciências Biológicas, opção que não seria alheia a reflexão feita por Jean Piaget que notou "uma convergência dos problemas das ciências do homem e um certo parentesco com as ciências da vida que ... influencia as modalidades de colaboração interdisciplinar" gerando "uma hibridação fecunda".⁹ A reflexão sobre o lugar da psicologia deverá fazer-se a três níveis: (1) ao nível do reexame frequente dos problemas em "função dos progressos alcançados nas investigações, o que pode implicar por vezes até revisão de "fronteiras" entre domínios científicos";¹⁰ (2) ao nível das áreas interdisciplinares de docência e investigação em que colaboram os psicólogos; (3) e ainda ao nível da intervenção, Ferreira Marques chama apropriadamente a atenção para o cuidado a ter sobre "a especificidade científica e profissional da actividade do psicólogo" quando deste, inserido em equipas pluridisciplinares, intervém nas áreas da saúde e da educação.¹¹

Ferreira Marques faz em seguida uma breve referência às peripécias temporais sobre a criação de uma licenciatura em psicologia em Portugal desde 1948, referindo a propósito que em 1968, "a licenciatura em psicologia chegou mesmo a ser incluída no texto do respectivo Decreto-Lei e retirado pouco antes da sua publicação";¹² à institucionalização duma licenciatura específica em psicologia em 1975 e a indicação do nome dos primeiros Presidentes da Comissão Instaladora do Curso Superior de Psicologia na Universidade de Lisboa, os Professores Barahona Fernandes e Pedro Polónio, omitindo qualquer referência ao papel que neste processo desempenhou. Em seguida o Autor descreve alguns dos enquadramentos institucionais

8 Ibidem, p. 147.

9 Ibidem, p. 148.

10 Ibidem, p. 148.

11 Ibidem, p. 149.

12 Ibidem, p. 150.

do Curso de Psicologia em diferentes países europeus e nos EUA dentro da respectiva Universidade. Sublinha que estes enquadramentos institucionais diferentes se terão desenvolvido devido a "factores circunstanciais locais e nacionais", acrescentando não lhe parecer "adequado e oportuno" discutir estas alternativas em relação ao modelo Português das Universidades públicas, embora exprima a "opinião pessoal favorável à experiência de a Faculdade ser conjuntamente de Psicologia e de Ciências da Educação" esperando que "assim continue nos próximos anos na Universidade de Lisboa".¹³

Mais adiante, depois de descrever as linhas principais da organização curricular da licenciatura de psicologia na Universidade de Lisboa, concluiu a "Oração de Sapiência" fazendo um breve comentário sobre o futuro da psicologia citando a propósito Paul Fraisse e Marc Richelle. À interrogação de Fraisse sobre se esta área teria futuro como disciplina científica e se manteria uma unidade face ao desenvolvimento extraordinário em áreas muito diversificadas terá respondido Marc Richelle ao afirmar que a solução passaria pelo esforço dos psicólogos na ultrapassagem desta segmentação caminhando no sentido de produzir um "sincretismo". Para Ferreira Marques esta perspectiva é um programa de esperança a que adere com entusiasmo, o que exigiria "uma maior articulação entre as várias áreas da psicologia e um reforço da colaboração multidisciplinar".¹⁴

"PERSPECTIVAS INTERNACIONALES EN LA HISTÓRIA DE LA PSICOLOGIA EN PORTUGAL"

Neste segundo artigo por mim seleccionado, Ferreira Marques (2000) faz remontar a história da psicologia em Portugal ao século xiii na figura de Pedro Hispano (1210-1277) — conhecido também por Papa João XXI — à semelhança do que Helio Carpintero fez em relação a Espanha com a análise da contribuição de Luis Vives, nascido em 1492 (Carpintero, 1994). Pedro Hispano foi professor de medicina em várias universidades europeias e um profundo conhecedor de Aristóteles e dos pensadores árabes da época, sobre quem elaborou

¹³ Ibidem, p. 151.

¹⁴ Ibidem, p. 153.

vários comentários com relevo psicológico. Neste sentido, Pedro Hispano enfatizou a importância do papel fundamental da observação nos estudos psicológicos e a necessidade de uma relação mais explícita entre a observação psicológica e os aspectos fisiológicos ou médicos.¹⁵ O próximo contributo para a história da psicologia em Portugal seria de Francisco Sanchez (1550-1623), filósofo, médico e professor nas faculdades de Letras e Medicina da Universidade de Toulouse, França. Francisco Sanchez preconizou o estudo indirecto da alma a partir das suas operações, a vantagem dos estudos em animais para o estabelecimento de conclusões sobre a psicologia humana, verificando-se neste ponto uma proximidade notável das suas reflexões com a psicologia comportamental do século xx.¹⁶

Na sua análise histórica, Ferreira Marques salta em seguida do séc. XVI para o séc. XX referindo os contributos psicológicos dos professores Alves dos Santos, Faria de Vasconcelos, Newton de Macedo, Mattos Romão, Moreira de Sá, Silvio Lima e Emile Planchard, tendo referido que, apesar do esforço desta geração, coube à geração seguinte a que pertenceu "vencer a difícil luta pela criação da licenciatura em psicologia que teve lugar desde os anos 60 e que se concretizou em Portugal no âmbito das Faculdades de Letras depois da revolução de 25 de Abril no ano lectivo de 1976-77".¹⁷

Ferreira Marques recorda que a concretização da licenciatura em Psicologia se deveu também à adesão entusiasta de alguns médicos e psicanalistas no desenvolvimento dos estudos de psicologia nas universidades, referindo a propósito os psicanalistas Francisco Alvim, Pedroso Flores, João dos Santos, Pedro Luzes e os professores de Medicina de Lisboa Barahona Fernandes, Pedro Polónio e Simões da Fonseca; Adriano Vaz Serra de Coimbra e Luís de Pina e Fernandes da Fonseca do Porto.¹⁸

Na última parte do seu artigo, Ferreira Marques (2000) faz referência às dimensões internacionais da psicologia portuguesa, um objectivo da maior importância que muitas vezes iniciou e outras apadrinhou e termina o seu artigo interrogando-se "Como será o

¹⁵ Ferreira Marques (2000), o. cit., p. 600.

¹⁶ Ibidem, p. 600.

¹⁷ Ibidem, p. 603.

¹⁸ Ibidem, p. 603.

futuro?" A resposta breve que apresenta assinala duas tendências possíveis: a primeira seria a diversificação cada vez maior das áreas de investigação e aplicação psicológica; a segunda refere a vantagem e necessidade da internacionalização da psicologia portuguesa baseada no plurilinguismo, levando a sugerir, embora sem o mencionar, para a vantagem de outras referências além da comunidade linguística anglo-saxónica.¹⁹

UM COMENTÁRIO

Nestas duas publicações, Ferreira Marques assinala pontos importantes da história da psicologia em Portugal, muitos deles desconhecidos dos estudantes de Psicologia no nosso País. O estudo da história da Psicologia em Portugal tem tido alguns contributos pontuais (e.g., Silva, 1979; Abreu, 1979; Gomes, 1990; Pinto, 1993; Carneiro, 1997; Abreu e Oliveira, 1999) e outros mais globais (e.g., Ferreira Marques, 1994; Ferreira Marques, 2000; Neto, 2000), assinalando aqui apenas os que melhor conheço. Torna-se oportuno o aparecimento de mais estudos históricos nesta área e o aparecimento de investigadores que tenham por tarefa coligir e interpretar os contributos psicológicos dispersos ao longo da história portuguesa feitos por pensadores, filósofos, médicos e pedagogos tanto no séc. xx como nos séculos passados. Penso que o Professor Ferreira Marques é uma das poucas figuras actuais que junta vastos conhecimentos a uma larga experiência e que o poderia fazer ou orientar a sua elaboração, permitindo ao nosso País puder contar também com a sua "História da Psicologia em Portugal" como sucede com Espanha desde 1994 (Carpintero, 1994).

No âmbito das publicações citadas, Ferreira Marques formula duas importantes questões a que não é possível fugir por parte de todos aqueles que estão interessados no desenvolvimento futuro da psicologia:

- (1) Qual a unidade possível dos estudos da psicologia no futuro face à crescente diversidade actual? Por outras palavras, a psicologia terá futuro como disciplina científica?

¹⁹ Ibidem, p. 605.

- (2) Institucionalizada a psicologia em Portugal pela geração a que pertenceu, que futuro virá a ter em Portugal?

Em relação à primeira questão, Ferreira Marques acredita na unidade da psicologia apesar da elevada segmentação e diversidade das suas aplicações e formas de intervenção sugerindo que a psicologia talvez venha a caminhar para um "sincretismo". Quanto à segunda questão, depreende-se do que escreveu que a diversidade de formações psicológicas em Portugal é uma possibilidade que a ser desenvolvida deverá apoiar-se numa internacionalização plurilinguista. Estas respostas simples, breves, porventura cheias de sabedoria psicológica revelam a figura institucional e a atitude pedagógica que ressalta dos seus escritos e que é um reflexo da sua personalidade que eu pude detectar dos poucos contactos académicos até hoje realizados.

UMA REFLEXÃO SOBRE CENÁRIOS FUTUROS DA PSICOLOGIA

Há uma frase conhecida bastante referida pelos historiadores que diz: "Aqueles que não conhecem o passado estão condenados a repeti-lo".²⁰ Como é que o passado da psicologia nos poderá orientar no futuro? Sem pretensões de vidente nem querer expressar desejos irrealizáveis,²¹ gostaria de apontar algumas reflexões sobre o modo como vejo actualmente a psicologia em Portugal; como será a psicologia em Portugal no próximo ciclo de 25 anos? E por último como encaro a unidade da psicologia no futuro?

Como vejo actualmente a psicologia em Portugal

Actualmente a psicologia é demasiado popular em Portugal. Nos últimos 10 anos passou-se de 4 para 23 licenciaturas com uma entrada anual de mais de 2 mil alunos no ensino superior público e privado.²²

²⁰ Frase atribuída ao filósofo George Santayana.

²¹ "Wishful thinking" na terminologia inglesa.

²² Dados recolhidos pela Associação Nacional de Estudantes de Psicologia (ANEP) e citados no jornal "Público" de 18 de Maio de 2001.

Esta proliferação do ensino da psicologia em Portugal ao nível das licenciaturas e pós-graduação é caótico, tanto a nível público como privado, apesar de se poder detectar nos dois sistemas alguns ilhéus ou rochedos de excelência neste “mar imenso de salve-se quem puder”. Enquanto ciência e área de intervenção quase tudo é possível em Portugal sob a capa de psicologia. No dia em que escrevo estas linhas, li num diário o anúncio de duas pós-graduações num Departamento de Psicologia de uma Universidade Privada em “Aconselhamento Pastoral” e “Fisioterapia Clínica em Medicina Endobio-génica”!²³

É curiosa esta obsessão académica portuguesa em tornar-se o primeiro na instituição de uma área de especialização pós-graduada, mesmo que não se vislumbre qualquer fundamento. Veja-se o contraste com o que acontece nos EUA. Por exemplo, a “Psicologia Humanista” fundada em meados da década de 1960 nos EUA por Abraham Maslow, Carl Rogers, Clark Moustakas e Rollo May, citada com frequência nos capítulos de personalidade dos manuais de psicologia, e constituindo mesmo uma das divisões da APA (32^a), quando é objecto de formação pós-graduada nesta área não consegue obter a creditação da APA, talvez por “não considerar os seus métodos empiricamente válidos” nas palavras de Maureen O'Hara numa entrevista concedida ao “APA Monitor” de Março de 2000.²⁴

Os cursos de psicologia das Universidades Públicas com o seu grupo de docentes bastante mais qualificados do que nos cursos privados — mas não por muitos mais anos — também têm os seus problemas, de que destaco os três seguintes:

Primeiro, uma gestão científica que em alguns casos se pode classificar no todo ou em parte de política, corporativa, irresponsável, ignorante e hipotecadora do ensino público futuro nesta área.

Segundo, os cursos de psicologia públicos em Portugal em termos de organização curricular ignoram, omitem ou apagam áreas e nomes da ciência psicológica, fundamentais para se demarcar e fundamentar a área da psicologia em relação às restantes áreas do saber científico. Por exemplo, no âmbito da psicologia cognitiva, os temas da atenção, percepção visual, a memória humana — a memória operatória é uma das áreas de

23 In Jornal “Público”, 12 de Julho de 2002, p. 13.

24 Vide <http://www.apa.org/monitor/mar00/humanistic.html>.

investigação mais estudadas na última década nos mais diversos domínios — a inteligência e o raciocínio, o pensamento e a categorização raramente constituem disciplinas curriculares. Neste sentido seria curioso averiguar entre os docentes universitários dos muitos cursos de psicologia em Portugal, assim como entre os licenciados acabados de formar pelos respectivos Cursos, qual o grau de literacia psicológica referente à listagem elaborada pela Universidade de Minnesota dos EUA sobre as “100 obras mais influentes na ciência cognitiva” do séc. XX de que uma parte considerável da lista é formada por psicólogos.²⁵

Terceiro, a criação e proliferação de Associações ditas de psicologia, mais interessadas em satisfazer interesses imediatos de uns tantos do que em unir esforços para se estabelecer uma Ordem ou Sociedade que seja única e representativa de todos os licenciados e graduados em psicologia.

Como será a psicologia em Portugal no próximo ciclo?

No próximo ciclo de 25 anos, o desenvolvimento provável da psicologia em Portugal será condicionado por algumas tendências que actualmente se discutem na política e na academia portuguesa. As tendências a que atribuo maior ênfase são as seguintes:

1. A implementação da Declaração de Bolonha com licenciaturas de 4 anos irá causar uma reformulação dos currícula e por conseguinte uma reflexão sobre as disciplinas base de uma licenciatura com saída no mercado.
2. O desenvolvimento da integração de Portugal na Comunidade Europeia irá forçar o estabelecimento de uma Sociedade, Associação ou Ordem responsável pela creditação da profissionalização da psicologia em Portugal. A criação desta Sociedade poderá ser precipitada pelo Governo se entre tanto vierem a ocorrer erros graves de deontologia profissional que forem do conhecimento público.
3. A avaliação das instituições universitárias portuguesas pú-

25. Vide <http://cogsci.umn.edu/millennium/final.html>.

blicas e privadas e a inevitabilidade do estabelecimento de um sistema de seriação entre os cursos de psicologia.

4. A introdução eventual do cheque-ensino e o aumento da liberdade de escolha do curso por parte dos alunos.
5. A popularidade da psicologia enquanto curso, que virá a ser predominantemente feminino e com uma frequência e implantação maior nas universidades privadas em relação às públicas.

Destas tendências, o que poderá resultar em termos de cenários mais prováveis? A organização futura da psicologia a nível superior em Portugal irá desenvolver-se ao nível de "licenciaturas especializadas" tendo em conta as saídas profissionais e o interesse maior por certas áreas da psicologia, por exemplo "Psicologia clínica e aconselhamento", "Psicologia social e das organizações", "Psicologia da educação e orientação vocacional", e talvez "Psicologia cognitiva" num ou outro dos cursos públicos, entre as mais prováveis, seguindo o modelo de organização em diferentes licenciaturas como ocorre actualmente com as licenciaturas de Engenharia. A pós-graduação e a formação contínua sobre temas específicos serão áreas de desenvolvimento crescente. Nas universidades públicas, o modelo vigente de ligação institucional da psicologia com as ciências da educação — por ser redutor do desenvolvimento da psicologia — parece-me condenado a prazo.

Com a proliferação dos cursos de psicologia em Portugal e a concorrência que daqui vier a resultar, as referências científicas e profissionais serão cada vez mais estabelecidas com o estrangeiro do que dentro do País, desenvolvendo-se ligações privilegiadas a certos Países, Centros de investigação e Sociedades.

Sobre a unidade da psicologia como disciplina científica

No que se refere à unidade da psicologia, estou convencido de que a psicologia em Portugal e nos países da Europa Ocidental será aquilo que em grande parte vier a ser na América do Norte, principalmente nos EUA. É nos EUA que está a maior associação de psicólogos do mundo (APA), as principais revistas científicas de psicologia, a maior parte dos melhores centros de investigação e uma espantosa generosidade (Miller, 1969) — ou segundo outros uma inteligente capacidade

de marketing — que tem permitido oferecer aos restantes países, nuns casos de forma bastante acessível noutros gratuitamente, uma parte substancial do conhecimento psicológico produzido, distribuindo-o directamente ou via internet, divulgando e marcando a agenda sobre os principais problemas psicológicos e as soluções que encontra.

Pode parecer paradoxal que este poderio e capacidade de influência esteja assente sobre forças aparentemente tão desagregadoras e poderosas como a proliferação de divisões na APA (54) e ausência de um curriculum básico em psicologia nos EUA. A este respeito Benjamin (2001) afirmou que é possível nos EUA dois doutorados em psicologia, que o acaso junte no Hall de um aeroporto, virem a descobrir que as únicas disciplinas em comum na sua formação foram "Métodos de Investigação" e "Estatística", sendo possível que toda a restante formação seja diferente. E no entanto podem designar-se oficialmente por psicólogos.

A unidade da psicologia no futuro apenas será possível, enquanto houver Associações de psicologia, fortes como a APA, que sejam capazes de encontrar soluções para gerir profissionalmente a enorme diversidade de áreas de investigação, aplicação e intervenção psicológicas. E sejam suficientemente actantes para fazer sentir a sua voz junto dos governos, poderes públicos e outras associações profissionais congêneres, como a psiquiatria, as neurociências e as ciências sociais (por ex., os licenciados em sociologia, serviço social, antropologia). A tendência do investigador em psicologia é fugir para nichos pouco explorados onde possa fazer uma carreira, e a do profissional é a de ser representado por uma Associação forte. A uns e outros pouco importa que a psicologia tenha por objecto o comportamento, a mente ou psique, ambos ou só um deles, seja bio ou sócio ou bio-psico-socio, ou qualquer sopa de pedra, desde que o produto ou marca "psicologia" continue a ser conhecido, respeitado e vendável.

A notoriedade da Psicologia resultou de um passado de rigor e objectividade que originou descobertas científicas que sustentaram aplicações úteis e programas de intervenção e também porque os "produtos" e "marcas" alternativas estiveram longe de atingir os mesmos resultados e notoriedade. Mas as "marcas" académicas podem falir como sucede com as comerciais. Veja-se o que aconteceu com a filosofia em termos de aplicação e intervenção.²⁶ O que leio no passado da

²⁶ O que não quer dizer que não haja tentativas para contrariar esta tendência (e.g., Lou Marinoff, 2002, *Mais Platão menos prozac*, Editorial Presença.)

tais; grandes analistas e humanistas como Erik Erikson que nem sequer tinha um grau universitário e no entanto repôs o desenvolvimento da personalidade numa nova perspectiva.

Daquí se deduz que ao longo do séc XX, o conhecimento psicológico avançou imenso com a contribuição das investigações realizadas em ciências afins à psicologia. Tudo leva a crer que nos próximos 25 anos, assim como nos ciclos seguintes, os temas, os problemas e os procedimentos de investigação psicológica continuarão a ser arejados e renovados não só com o esforço e a criatividade dos estudantes de psicologia, mas também com as contribuições e o saber dos estudantes das ciências afins. Neste sentido a unidade da psicologia torna-se uma questão de importância meramente profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, M. V. (1979). Relembrando "O problema da recongnição" de Sílvio Lima mestre da atitude crítica e do método experimental. *Bíblios*, 55, XLIII-XLVIII.
- ABREU, M. V. (1990). Os primeiros laboratórios de psicologia em Portugal: Contexto e sentido da sua criação. *Jornal de Psicologia*, 9, 3-7.
- ABREU, M. V., e OLIVEIRA, A. M. (1999). *O laboratório de psicologia experimental da Universidade de Coimbra: O primeiro laboratório de psicologia em Portugal* (1912). Coimbra: Instituto de Psicologia Cognitiva, FPCE-UC.
- BENJAMIN JR, L. T. (2001). American psychology's struggles with its curriculum: Should a thousand flowers bloom? *American Psychologist*, 56(9), 735-742.
- CARNEIRO, F. C. (1997). *A psicologia em Portugal*. Porto: Edição do Autor.
- CARPINTERO, H. (1994). *Historia de la psicologia en España*. Madrid: EUEMA.
- FERREIRA MARQUES, J. (1994). Lugar da psicologia na ciência e na universidade. In Abertura do ano académico na Universidade de Lisboa: Sessões solenes 1986/87 a 1992/1993 (Ed.) (pp. 143-153). Lisboa: Reitoria da Universidade de Lisboa.
- FERREIRA MARQUES, J. (2000). Perspectivas internacionais en la historia de la psicología en Portugal. *Revista de Psicologia Geral y Aplicada*, 53, 599-606.
- GOMES, J. F. (1990). As origens do laboratório de psicologia experimental da Universidade de Coimbra. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXIV, 3-38.
- GOMES, J. F. (1994). O ensino da psicologia e da pedagogia nas universidades portuguesas de 1891 a 1973. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 28, 337-370.
- LIMA, S. (1949). A psicologia em Portugal. *Bíblios*, 25, 277-285.
- MILLER, G. A. (1969). Psychology as a means of promoting human welfare. *American Psychologist*, 24, 1063-1075.
- NETO, F. (2000). Portugal. In A. E. Kazdin (Ed.), *Encyclopedia of psychology* (Vol. 6, pp. 241-245). New York: Oxford University Press.

psicologia foi o esforço notável para estabelecer uma tradição de investigação científica de elevada qualidade que levou esta disciplina a ser aceite *aperas* há 20 anos pelo Conselho Internacional das Associações Científicas (ICSU) ²⁸ permitindo que os psicólogos passassem a ser formalmente designados como cientistas, empregando métodos de investigação cientificamente reconhecidos e respeitados.

Se a "marca" psicologia não for bem gerida por Associações internacionais prestigiadas, se envergonhar os profissionais a ponto de alguns preferirem dizer que têm uma graduação em "neuropsicologia", "neurociências", "ciências cognitivas", "ciências do cérebro" ou outras de designação similar (e.g., Pinto, 1999), se os profissionais de sociologia, serviço social e antropologia alcançarem uma maior notoriedade através das suas Associações representativas, e os de psiquiatria mantiverem a que têm, então a psicologia verá reduzido substancialmente o seu espaço de intervenção no futuro. É um cenário preocupante?

É seguramente em termos profissionais. Mas em termos de investigação parece indiferente. No estudo dos problemas psicológicos houve investigadores brilhantes que não possuíam qualquer grau académico ou pertenciam a qualquer sociedade psicológica (e.g., Pinto, 2001, cap. 1). Os pais fundadores da psicologia nos finais do séc. XIX foram filósofos, fisiologistas e físicos, como William James, Wundt e Fechner, cujas contribuições constituíram um avanço notável para a ciência psicológica. No século XX houve ainda fisiologistas como Pavlov, prémio Nobel da medicina em 1904, que marcou profundamente a psicologia da aprendizagem; médicos como Freud que pôs um modelo de organização mental e um tipo de tratamento dos desordens mentais que influenciou toda a prática de intervenção psicológica; biólogos e epistemólogos como Jean Piaget, que renovou radicalmente a psicologia do desenvolvimento; economistas como Herbert Simon, prémio Nobel da economia em 1978, que contribuiu de forma marcante para a psicologia cognitiva; linguistas como Noam Chomsky que precipitou a falência do radicalismo behaviorista e recentrou a psicologia no estudo da organização dos processos men-

²⁷ Vide International Union of Psychological Science (IUPsyS).

²⁸ Em 13 de Setembro de 1982; vide <http://www.icsu.org/Membership/SUM.html>.

- PINTO, A. C. (1986). Implicações dos efeitos de primazia e de recência na compreensão da memória humana. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 23, 115 - 133.
- PINTO, A. C. (1993). Os estudos psicológicos de memória humana na Universidade de Coimbra na década de 1920. *Psychologica*, 9, 5-30.
- PINTO, A. C. (1999). O que é que a psicologia científica tem que a psicologia popular e o senso comum não têm? *Psicologia, Educação e Cultura*, 3, 157-178.
- PINTO, A. C. (2001). *Psicologia geral*. Lisboa: Universidade Aberta.
- SILVA, J. P. F. (1979). Sílvia Lima: História de um professor universitário. *Biblos*, 55, XXXV-XLII.